aprender.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Eunice M. L Soriano, Psicologia da Criatividade, Porto Alegre: Vozes, 1986.

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano. Como Desenvolver o Potencial Criador. Petrópolis: Vozes; 1991.

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. Criatividade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

AMABILE, T. The Social Psichology os Creativity. New York: Springer, 1983.

BERGER, Manfredo. Educação e Dependência. 3ª ed. São Paulo: Difel, 1980.

BERMAN, Louise M. Novas Propriedades para o Currículo. 2ª ed. Porto Alegre: globo, 1976.

BRAGA, Amélia Eloy Santana. Dicas Pedagógicas (II) A Monografia como trabalho Acadêmico na Graduação. Sim ou Não? Brasília: Universo, 2000.

BRUNER, Jerome S. O Processo da Educação. São Paulo: Ed. Nacional, 7ª ed. 1978.

CSIKSZENTMIHALYI, M. The Domain of Creativity. Trabalho Apresentado no Congresso de Criatividade. Pitzer College, Claremont-EUA, 1988.

CUNHA, Luiz Antonio. Educação e Desenvolvimento Social no Brasil. 6ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

CROSS, Jack. O Ensino da Arte nas Escolas. São Paulo: Cultrix, 1983.

GOLLEMAN, Daniel & outros. O Espírito da Criatividade. São Paulo: Cultrix, 1996.

GETZELS, J. S. Jackson. P. W. Creativity and Intelligence – Explorations With Gifted Students. New York, Wiley, 1962.

GUILFORD, J. P. Creative Research: past, present, and future. Em Isa Ksen, S.G. (Ed). Frontiers of Creativity research – beyond the basics. New York, Búffalo, 1987.

_____Creativity: retrospect and prospect. In: PARNES, S. J. New York: Charles Scribner's sons, 1977.

HELMANN, Paul et Alli. Unterricht: Analyse und planung. Germany, hermann Schroedel Verlag, 1979.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo, Atlas,1982.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. Educação Física Humanista. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

ROGERS, C. R. Torna-se Pessoa. São Paulo: Martins fontes, 1978

_____.A Liberdade de Aprender em nossa Década. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

SIKORA, Joachim. Hanbrech der Kreativ-Methoden. Germany: Quelle & Meyer Heiderberg, 1976.

STEIN, M. I. Stimulating Creativity Individual Procedures. New York. Academic Press, vol. 1, 1974.1974

TAFFAREL Celi Nelza Zülke. Criatividade nas aulas de Educação Física. Rio de Janeiro: Editora ao Livro Técnico, 1985.

TORRANCE, Paul E. Dessarollo de la Creatividad del Aluno. Buenos Aires: Livraria del Colégio, 1970.

_____ Pode-se Ensinar Criatividade? São Paulo, EPU, 1974.

VIRGOLIM, Ângela Rodrigues, ALENCAR, Eunice M. L Soriano - Criatividade Expressaõ e Desenvolvimento, Petrópolis: Vozes, 1994.

LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

VANDER LÚCIA SILVA LESSA

RESUMO

Quando a escola transforma o texto literário em atividade pedagógica, a escolarização da Literatura acontece de maneira inadequada. Para evitar essa inadequação, apresentaremos no nosso trabalho algumas sugestões de leitura para que o educador possa utilizar o texto literário na sala de aula da educação infantil de maneira eficiente e motivadora. Como exemplo selecionamos a escritora de literatura infanto juvenil, Lygia Bojunga Nunes. A autora trata em suas narrativas os mais diversos temas e conflitos vividos por jovens e crianças da modernidade. Seu livro "Sapato de Salto", por exemplo, sensibiliza o leitor sobre os diversos aspectos da sociedade em transformação, que começa a discutir questões que já existiam antes, mas que era proibido falar. A família, por exemplo, ao longo da história humana, nas diferentes culturas, assumiu e ainda assume as mais variadas formas de composição. Seus componentes mudam, a família fica mais ampla ou mais reduzida, inclui pessoas com laços de sangue ou não. Mas mantém a característica de ser uma organização baseada no cuidado, no Amor. O Amor que não é um valor moral, nem um bom costume, nem algo imposto que vem de fora, mas uma virtude e uma atitude interna que depende de cada um. Uma

atitude de aceitação do outro tal como ele é, ou seja, com as suas diferenças e os seus valores. A família é, portanto, a primeira instituição onde temos contato com as diferenças de valores, opiniões e respeito. Lygia Bojunga representa muito bem esses conceitos na construção das personagens do seu livro "Sapato de Salto". A história ao mesmo tempo em que leva o leitor a refletir sobre diversos assuntos, como constiuição famíliar, gravidez na adolescênica, prostiuição, sexualidade etc. e também o ajuda a lidar com seus conflitos vividos na realidade. Nesse sentido, a história desse e de outros livros de Literatura instrui o educando de maneira lúdica e divertida.

Palavras-chave: Literatura Infanto Juvenil; Educação Infantil; Família; Formação de Valores.

INTRODUÇÃO

A Representação da Família em "Sapato de Salto"

O livro "O sapato de salto" de Lygia Bojunga Nunes trata da questão famíliar e dos seus incoerentes valores. Pretendemos, a partir dessa obra, fazer uma leitura focando assuntos como: conceito de família e seus valores. Essa leitura tem como finalidade apresentar exemplos e propostas de trabalho para serem desenvolvidos em sala de aula com crianças da educação infantil. A escolha de Lygia Bojunga Nunes se deve justamente porque esta escritora consegue abordar de maneira lúdica e divertida tais conflitos que as famílias da modernidade enfrentam. Sobretudo, a autora apresenta a discussão sobre esse tema de maneira lúdica. Além disso, estudiosos afirmam que o ensino com base na Literatura poderá contribuir em diversos aspectos com a didática do profissional que atua na educação infantil.

Lygia Bojunga retrata os principais conflitos que a família da modernidade enfrenta. A autora sensibiliza o leitor sobre os aspectos da sociedade em transformação, que começa a discutir questões que antes existia, mas que era proibido falar. Assim como, atualmente, a sociedade passa modificações de seus valores o conceito de família também sofre modificação. Embora tais mudanças ocorram muito mais na sua estrutura do que no seu modo de pensar, já que ainda existem preconceitos e valores tradicionais que devem ser seguidos em nome da moral e dos bons costumes. Pois, a família, ao longo da história humana, nas diferentes culturas, assumiu e ainda assume as mais variadas formas de composição. Seus componentes mudam, a família fica mais ampla ou mais reduzida, inclui pessoas com laços de sangue ou não. Mas mantém a característica de ser uma organização baseada no cuidado, no Amor. O Amor que não é um valor moral, nem um bom costume, nem algo imposto que vem de fora, mas uma atitude interna que depende de cada um, uma atitude de aceitação do outro tal como ele é, ou seja, com as suas diferenças e os seus valores. Mesmo porque o mundo se move graças às diferenças, pois se todas as pessoas fossem iguais, estariam todas estáticas no mesmo lugar fazendo as mesmas coisas simultaneamente. Sem as diferenças o mundo seria carregado de monotonia. A família é, portanto, a primeira instituição onde temos contato com as diferenças de valores e opiniões. Lygia Bojunga representa muito bem esses conceitos na construção das personagens levando o leitor a refletir sobre o assunto. Assim a história do livro instrui divertindo.

Literatura e Educação Infantil

A autora Renata Junqueira Souza (2016) afirma que o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar. (p. 102). É por entender essa singularidade que se define o letramento literário como "[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos" (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). Nessa definição, é importante compreender que o letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pois requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário.

Não se pode negar, portanto, que a escola passou ser auxilio dos pais na educação dos seus filhos no ensinamento de valores, e não apenas responsável pela educação formal, já que estes, principalmente a mãe que, antigamente, se encarregava exclusivamente da educação das crianças, não tem mais tempo para dedicar a eles, devido a sua dedicação ao mercado de trabalho. Para recompensar a ausência, os pais investem na educação formal dos filhos e no excesso de cuidados e bens materiais, esquecendo-se muitas vezes de passar valores, como respeito e aceitação. Não podemos negar também que essa escolarização pode acontecer de maneira inadequada quando a escola utiliza um texto literário, deturpando-o, falseando-o, transformando o que é literário em pedagógico.

Para se evitar esta inadequação, alguns cuidados devem ser tomados, tais como privilegiar o texto literário e prestar atenção ao escolher um texto do livro didático, pois esse pode estar fragmentado, além do mais já se trata da transposição de um suporte para o outro. Devemos escolher o texto no seu suporte original, ou seja, o livro infantil. Respeitar a integralidade da obra também é importante, pois não podemos retirar ou saltar partes do texto que, por alguma razão, achamos inadequadas para nossos alunos. Colocar a Chapeuzinho Vermelho debaixo da cama por não saber depois explicar o por-

quê de ela sair viva da barriga do lobo não é a solução. Afinal, o texto literário carrega em sua elaboração estética as várias possibilidades de atribuição de sentidos. Desse modo, respeitar o texto faz parte da adequada escolarização do mesmo. Soares (1999) evidencia ainda que a adequada escolarização da literatura é aquela que conduz a práticas de leitura que ocorrem no contexto social, a atitudes e aos valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar. No caso em questão, queremos sensibilizar leitores sobre os novos conceitos de famílias e seus valores.

Segundo Harvey e Gouvis (2008), quando lemos, os pensamentos preenchem nossa mente, fazemos conexões com o que já conhecemos ou, ainda, inferimos o que vai acontecer na história. São as conversas interiores com o texto que está sendo lido e o que passa pela nossa mente quando lemos que nos ajudam a criar um sentido.

Nossa sugestão é fazer com que o educando estabeleça, a partir da leitura dos textos literários, sua experiência de leitura fictícia individual com sua realidade e, mas também com a realidade daqueles que ocupam os mesmos espaços, mas carregados de crenças e valores diferentes. Para concluir, cumpre enfatizar que o objetivo maior do letramento literário escolar ou do ensino da literatura na escola é nos formar como leitores, não como qualquer leitor ou um leitor qualquer, mas um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive, posto que "[...] a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da língua quanto do leitor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos dizer e nos dizem de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo e nós mesmos" (COSSON, 2006, p. 16). Entender essa singularidade que se define o letramento literário como o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos.

Uma Proposta de Leitura Reflexiva para a Sala de Aula

O livro "O sapato de salto" começa contando a história de Sabrina, uma menina que foi criada na "Casa do menor abandonado". Aos onze anos ela sai do orfanato e vai morar na casa de uma família de classe média para trabalhar como babá de duas crianças. Ela não recebe salário pela função, pois terá o que comer e o que vestir vivendo na casa:

Quando me ofereceram uma menina lá do orfanato eu disse logo, é uma experiência, vou fazer uma experiência. [...]. – Mas ordenado não precisa: a gente vai dar casa, comida, roupa, calçado. E você viu o embrulhinho que ela trouxe, não viu? É sempre assim: elas chegam sem nada. A gente é que tem que dar tudo. E você viu como ela é forte? é do tipo que tá sempre com fome. [...]. – Só tô avisando. Eu tenho prática: essa menina vai dar uma despesa danada (NUNES, 1996, p. 10-11).

É interessante notar que, além de serem representados no livro os conflitos de três diferentes famílias, a autora trata também do problema da marginalização e do menor abandonado a partir da personagem Sabrina.

Como vimos no capítulo anterior, a família é responsável por apresentar o mundo social à criança e oferecer a ela os ingredientes necessários para a formação da sua personalidade até que a mesma possa tornar-se um adulto responsável, independente e capacitado para dar continuidade à formação de famílias. Vimos também que a teoria Winnicottiana afirma que o casamento está vinculado à manutenção da família, na criação dos filhos, pois estes necessitam de cuidados até atingirem a idade madura.

No caso da personagem Sabrina do livro "Sapato de Salto", ela não teve uma família que pudesse criá-la e, por isso foi deixada na "Casa do menor abandonado". Nas palavras de Dias "[...] menor abandonado é o indivíduo menor de 18 anos que não possui uma família, ou, pelo menos, não possui uma família que cuide e se ocupe dele, emocional e materialmente" (DIAS, 1992, p. 65). É sabido que o abandonado além de ter que lidar com o sofrimento de não ter uma família como referência, ele sofre ainda com o preconceito social.

Bojunga retrata muito bem esta questão a partir da personagem Sabrina. Quando a esposa de Leopoldo resolve tirar Sabrina do orfanato para cuidar dos seus filhos, a mulher fica em dúvida se realmente a menina seria capaz de realizar o serviço, como podemos perceber nesta seguinte passagem:

A família ficou quieta comendo. Lá pelas tantas dona Matilde olhou pro seu Gonçalves:

- Não gostei do jeito dela.

- Por quê?

- Ah, sei lá, quis logo ir pegando a Marilda.

- Mas se você chamou ela pra ser babá das crianças, você não vai querer que ela pegue as crianças? (p. 09).

Sabrina, embora ainda goste de brincar, é forçada e submetida ao trabalho infantil em troca do seu próprio sustento: Avisou pra Sabrina:

- Deixa a porta do teu quarto aberta. E presta atenção: se criança chora de noite, já sabe: vai lá e vê o que ela quer, se é água, biscoito, se é calça molhada.

E de dia, o dia todinho, a Sabrina tinha

que distrair Matilde e o Betinho. E a roupa dos dois pra lavar e passar. E a mamadeira pra preparar. E a calça pra trocar. E o mingau pra misturar. E o telefone pra atender (taí à toa, menina? quando o telefone toca, já sabe, atende logo). E a toda hora uma comprinha pra fazer: [...]. Sabrina corria, num instantinho voltava, achava tudo legal, mal acabava o almoço já pensava no lanche; era só acabar de lanchar pra pensar o que que ia comer ter pro jantar (p. 11-12).

Neste sentido, ela se torna sua própria provedora, antes de completar idade e preparação adequadas para isso. Mas, Sabrina na sua inocência de criança, faz tudo com satisfação, por ter agora aquilo de que foi privada, como podemos verificar na passagem transcrita anteriormente.

Sabrina vê Gonçalves, o dono da casa, como um pai que nunca teve: "- O senhor até tá parecendo meu pai. Deve ser bom ter um pai pra dar bala e sabonete pra gente" (p. 14). Porém, Gonçalves começa presentear a menina com interesses de um amante e não de um pai. Esta família que "adota" Sabrina é uma família que representa o modelo tradicional de família burguesa. O marido trabalha fora, enquanto a mulher fica em casa. Porém, não é um modelo de esposa que fica em casa cuidando dos filhos e do lar, pois delega tais serviços aos empregados, sobrando tempo para dormir depois do almoço: "Dona Matilde chupava muita bala, tinha pressão baixa, dormia depois do almoço, de noite tinha sono de pedra" (p. 11).

Além disso, a figura da personagem Matilde sugere o papel da madrasta dos contos de fadas, da bruxa má na atualidade, enquanto Sabrina, a gata borralheira. A personagem é uma mulher ranzinza e mal humorada que inveja a beleza e os encantos de Sabrina capazes de atrair a atenção do marido, mesmo ainda sendo uma menina. Seu ciúme contribui ainda mais para os maus tratos para com a Sabrina, principalmente depois que a esposa vê o marido no quarto da garota. Sabrina sofria com o abuso sexual de seu Gonçalves:

- Que há seu Gonçalves? Não faz isso, pelo amor de deus! O senhor é que nem meu pai. Pai não faz assim com a gente. – Consegui se desprender das mãos dele. Correu para porta. Ele pulou atrás, arrastou ela de volta pra cama:

- Vem cá com o teu papaizinho.

- Não faz isso! Por favor! Não faz isso! – Tremia, suava. – Não faz isso!

Fez (p. 20).

A esposa, apesar de descobrir que o marido abusava sexualmente de Sabrina, faz vista grossa pelo acontecido e em vez de punir e denunciar o esposo, dona Matilde maltrata ainda mais a menina como se esta fosse a culapada por tudo. Sabrina, insegura e amedrontada, temendo ter que voltar para o orfanato, prefere aguentar tudo em silêncio.

Preocupada com seu próprio sustento, a menina passa a cobrar um "dinheirinho" de Leopoldo todas as vezes que ele vai ao seu quarto, uma vez que este ofereceu a ela em uma das vezes que esteve com ela:

Seu Gonçalves entrou no quarto e abraçou Sabrina. Ela quis contar que apanhava, mas deu medo de, contando, apanhar ainda mais.

Desatou a chorar. Ele se enterneceu.

- Tá chorando por que, benzinho? pára com isso. Olha, amanhã eu te trago um presente bem bonito. [...]. E quando um noite não levou, explicou:

- Hoje não deu tempo de comprar.

- Ah...

- Mas guarda esse dinheirinho. – Saiu.

Sabrina levantou pegou o dinheiro, levou pra junto da janela, examinou, largou pro lado, sentou. Ficou olhando pro chão. Pegou de novo o dinheiro, dobrou devagar a nota, enfiou ela no colchão. E, na outra noite, quando o seu Gonçalves já ia saindo: - Ei!! e o meu dinheirinho? (p. 26)

A partir dai, a autora vai esclarecendo os motivos que levariam Sabrina a prostituição infantil, que vendia seu corpo não por vontade, mas por necessidade e por ser a única "profissão" que ensinaram ela que pudesse lhe render algum dinheiro para a sua subsistência. Além disso, mais tarde, terá a sua tia Inês como referência. Deste modo, a autora leva o leitor a refletir sobre a questão dos chamados "delinquentes" ou "marginalizados", ou seja, sobre aqueles que vivem à margem da sociedade, apesar de terem sido gerados no interior dela. A leitura do livro "O sapato de salto" mostra como nossa sociedade organiza a vida coletiva em torno de valores muitas vezes mesquinhos e hipócritas.

As crianças criadas em orfanatos não têm o mesmo preparo para enfrentar a vida dentro do modelo de valores da sociedade e nem as mesmas oportunidades que as crianças que são mantidas pelas suas famílias. Obviamente, não podemos generalizar, tais instituições não fracassam totalmente, pois, em alguns casos, alguns jovens encontram uma família disposta a adotá-los e consequentemente um lugar na sociedade onde possam continuar suas vidas e se desenvolverem, como ocorre com Sabrina no final da história. A menina é adotada juntamente com a sua avó pela mãe de Andrea Doria, seu amigo e companheiro de dança.

Mas antes disso, Sabrina é adotada pela tia Inês que também sofre com preconceitos na cidade onde foi morar com a sobri-

nha e a mãe. Vivendo com a tia, Sabrina sente-se, pela primeira vez, segura e confortável nos seios da família, diferente do que acontecia na casa onde morava e trabalhava. A menina tem então a oportunidade de experienciar sentimentos nunca antes vivenciados:

[...] eu nunca tinha sentido saudade de ninguém...

- Nem da sua mãe? Do seu pai? Outra vez Sabrina encolheu o ombro:

- Não conheci eles... E o resto que eu conheci nunca me deu saudade depois que eu não vi mais. Mas a tia Inês tá aqui, ó. – Bateu na cabeça. – Tá sempre aqui. Era tão bom ela viva! Ela conversava com a gente, contava coisa engraçada, e nunca! nem uma vez u abri a geladeira e encontrei nada dentro (p. 216).

Como é próprio do estilo de Lygia Bojunga, o narrador, no decorrer da narrativa, dá saltos e volta ao passado com o intuito de esclarecer os fatos presentes. É assim que o narrador nos mostra todo o passado da família da Sabrina e explica o porquê da sua mãe a ter abandonado num orfanato. Nesta retrospectiva, a autora trata a questão da gravidez na adolescência. A mãe de Sabrina se engravidou aos 14 anos de idade de um homem casado que nega a paternidade. A menina é obrigada a deixar os estudos que a mãe se sacrificara para oferecê-la, com o intuito de vê-la formada e bem encaminhada na vida. Além disso, a história representa os preconceitos de uma época em que a sociedade não via, e talvez ainda não veja, com bons olhos a gravidez antes do casamento, e o que torna ainda mais imoral, com um homem casado:

Depois de tanto sacrifício que eu venho fazendo desde que tu nasceu! Trabalhando dia e noite pra te dar uma vida arrumada! Pra te dar educação! pra te dar vida arrumada! pra te fazer professora! e essa é a paga que tu me dá!?

- E a cada exclamação a voz se esganiçava num desespero maior. O olho da Maristela foi se enchendo de lágrimas; [...]

- Eu não queria ter ficado prenha. Mas fiquei. Fazer o quê?

- [...]. Ele vai casar com tu?

- Ele é casado.

- O quê! tu te meteu com homem casado? tu ficou maluca de vez?

- É que eu me apaixonei, mãe.

- Mas, e agora?! vai vira mãe solteira? é isso? todo o meu sacrifício de cada dia, cada mês, cada ano, pra te dar estudo e uma vida arrumada, vai tudo pro ralo?! é isso? mal começa a vida e já tá abrindo perna pra homem! foi isso que eu te ensinei?...

A Maristela fez que não.

- ... foi isso que Deus mandou, que a igreja te ensinou? [...] - ... Foi isso que tu aprendeu na escola?! (p. 96-97).

Outro estilo marcante de Bojunga é escrever uma coisa quando na verdade quer dizer outra. Ao abordar este tema da gravidez da mãe de Sabrina, por exemplo, a autora consegue esclarecer que o erro da menina não estava exatamente no fato de ela ter se engravidado antes do casamento, mas das terríveis consequências de um relacionamento inadequado e de uma gravidez, fora de tempo, neste caso, na adolescência.

A família de Sabrina representa um modelo de família simples, sem recursos financeiros que trabalha honestamente para dar uma boa educação formal aos filhos pensando num futuro melhor para eles. O avô de Sabrina era um trabalhador do campo, ganhava pouco trabalhando muito e por isso a esposa trabalha para ajudar o marido nas despesas. Cansado da luta pela sobrevivência, o marido resolve sair de casa em busca do mar. Para isso abandona a mulher e as filhas. A mulher torna-se, então, a única provedora da família. A mulher luta com sacrifício para dar uma boa formação às filhas. É interessante notar que, embora represente uma mulher que trabalha para contribuir com o marido nas despesas da casa, a atividade exercida pela vó de Sabrina é sempre voltada para os trabalhos domésticos: lavar, passar, cozinhar...:

Desde que a gente ficou largada num sufoco medonho de grana, a dona Gracinha se virou ainda mais com esse negócio de lavar roupa. Ficava dia e noite lavando, passando, engomando, tirando mancha, entregando aquela rouparia toda pra fulana, pra beltrana. Você não tem ideia do que a dona Gracinha se esfalfou pra nos dar casa, comida e educação: ela queria que queria que a gente estudasse, que a gente aprendesse, que a gente fosse coisa de se firmar nas pernas e não coisa que qualquer um chuta pra lá e pra cá (p. 88).

A tia Inês, tia de Sabrina, que também havia abandonado a mãe em prol de uma paixão, reconhece mais tarde o seu próprio erro cometido no passado e sente necessidade de ter uma família novamente. Ela resolve, então, procurar pela sobrinha e pela mãe. Unidas, elas voltam a morar na cidade pequena do interior onde a tia Inês e a irmã outrora estudaram. Uma vez que também abandonou os estudos para viver com o namorado, que por sua vez, obrigava a tia Inês a se prostituir, a ela encontrou na prostituição uma forma de ganhar a vida e prover a sua família, composta agora pela sobrinha e pela mãe. O narrador nos leva a conhecer o passado da tia Inês a partir do diálogo entre as duas personagens. A tia de Sabrina morre e novamente a menina se encontra desam-

parada no mundo, tendo ainda que cuidar e prover a sua avó, a dona Gracinha, que ficou doente mental:

- Mas então não vai dar pra você ficar morando assim...

assim sozinha. Você ainda é muito pequena, Sabrina. [...].

- E quem é que disse que eu tô morando sozinha? Parece até que você não sabe que eu tenho família, que eu tenho uma avó. Eu tô morando com a minha vó, ela cuida de mim.

- Calma aí, Sabrina, calma aí, quem cuida dela é você (p. 174).

Para se sustentar e amparar a dona Gracinha, Sabrina começa também a se prostituir, como podemos verificar na passagem transcrita abaixo. Neste trecho, Sabrina é convidada por Andrea Doria, um garoto que vive em conflito com o seu pai Rodolfo. O pai, um homem conservador, tem dificuldade para lidar com as diferenças, de aceitar outras opiniões, valores e não aceita a ideia do filho ser gay. Sabrina teme a reação dos pais de Andrea Doria, principalmente do pai:

- Almoçar na tua casa? – Mas o sorriso que ia se formando esmoreceu. – Ah, mas a tua mãe não vai gostar. Nem teu pai. Ele almoça em casa?

- Andrea Doria fez que sim. – Eles não vão gostar. Andrea, eles não vão gostar.

- Mas por que, ué?!

- Eu sou puta.

- Ah, Sabrina, pára com isso. - Mas eu sou, ué! (p. 177).

A partir do envolvimento de Sabrina com a personagem Andrea Dória, o narrador nos apresenta outro modelo de família e seus conflitos, dentre eles a dificuldade do pai de lidar com a opção sexual do filho, que no caso é representada pela personagem Andrea Doria.

Rodolfo representa o imaginário de um pai de família machista e preconceituoso que mantém os valores da família patriarcal. A esposa, Paloma, é culpada pelo esposo pela

"má educação" do filho. Ele é o provedor e ela cuida da casa e da educação do filho. Rodolfo é incapaz de esquentar seu próprio jantar, e sai para comer fora. A esposa se nega, pela primeira vez, a fazer o jantar e as vontades do marido. Paloma decide se separar de Rodolfo uma vez que eles não conseguem ter a mesma opinião sobre determinados assuntos e valores, principalmente no que diz respeito à opção sexual do filho e da adoção de Sabrina:

- E o que você quer? Que eu fique impassível? Que eu não perca a cabeça com as maluquices que andam acontecendo nesta casa? Que eu ache muito engraçado você querer que eu prepare o jantar? E que você me participe, com a maior cara-de-pau, que vai trazer pra dentro da minha casa uma menina que a cidade toda já tá sabendo que trepa com qualquer um? (p. 242).

Segundo Vaitsman (1994), a família burguesa (ou moderna) dava ao homem o papel de provedor, responsável por sua manutenção e sustento. À mulher cabia o papel de educadora dos filhos, gerente do lar e da privacidade. O homem era a figura pública, aquele que trabalhava fora, lidava com o mundo externo. A mulher era o privado, a zeladora do bem-estar do marido e dos filhos, a defensora da intimidade familiar. Esta instituição era tipicamente patriarcal.

Entretanto, essa estrutura familiar começa a se desmoronar. A esposa diz ao marido que quer se separar, pois há muito tempo o casamento já havia entrando em crise: "Eu nunca fui criada pra me tornar tão dependente. Mas me adaptei. Fui sempre tão apaixonada por você que fiz de mim gato-sapato pra me adaptar à dependência de você" (p. 245). Portanto, a mãe de Andrea Doria decide se separar do marido e adotar a Sabrina. Mas isso só se torna possível porque a casa onde ela mora com o marido e o filho é herança de seus pais: "Você sempre administrou os teus negócios, a tua vida. Eu me limitei a manejar a casa. Só que, agora, eu estou resolvida a administrar esta casa. Não se esqueça que o Leonardo abriu mão dela a meu favor" (p. 245). Além disso, ela conta com o apoio do irmão: "E se você quiser ignorar este pormenor, lembre outro: o Leo está muito bem de vida. E sempre botou tudo que tem à minha disposição" (p. 246). A esposa conta principalmente com o maior legado deixado pelos pais, uma boa educação que bastava tirar o pó para colocá-la em pratica:

"Não se esqueça que o meu pai e a minha mãe me deram o maior legado que se pode dar a um filho: uma belíssima educação. É só tirar a poeira de tudo que eu cursei e aprendi antes do casamento pra estar apta a exercer uma profissão" (p. 246).

Segundo Lasch (1991), a desintegração da família vem ocorrendo há mais de cem anos. E segundo este autor, um dos fatores que influencia esta crise é o "individualismo, a revolução moral ou higienista, os novos papéis da mulher e o investimento afetivo nos filhos" (LASCH, 1991). Paloma desabafa com seu irmão Leo, e diz que casou por amor, mas que não aquenta mais viver em choque com as ideias do marido:

- Eu tô com medo, Leo, eu tô com muito medo! A gente não se entende mais, O Rodolfo e eu; parece que cada dia que passa a gente sempre pensou diferente, mas eu sempre fui louca por ele, então nunca me custou tanto assim abandonar meus sonhos de viagem, de uma profissão, disso e daquilo, porque, no fundo, o que eu queria mesmo era viver sempre com lelé, ter filhos com ele,

uma família feliz com ele, com ele! Mas não tá dando mais (p. 79).

Paloma casou-se com Rodolfo porque estava apaixonada, e sonhava com um casamento feliz, mas, com o passar do tempo, ela começa perceber que devido as suas diferenças de pensamento, os conflitos aumentam com o passar dos anos. De acordo com Araújo (2000), o amor romântico valorizado pelo casamento moderno é faca de dois gumes. Para ele, ao mesmo tempo em que gera expectativas a respeito do amor e da felicidade no matrimônio, provoca conflitos quando estas expectativas não são atingidas (ARAÚJO, 2000).

Embora Paloma tenha se casado por amor, ela percebe mais tarde o quanto ela deixou de ser ela mesma para agradar o esposo. E afirma que foram 14 anos fazendo mal para si, para o filho e para o marido: O desprezo vai s'embora da cara do Rodolfo e agora chega uma expressão de estranheza: mas então era possível? ... mesmo vendo ele ir embora ela não se arrependia?... não enxergava o quanto ela estava brincando com a vida dele...dela... do Andrea Doria?... quatorze anos juntos... dia e noite juntos... e... era possível... ela não enxergar? (p. 269).

Leopoldo faz as malas e vai embora. Ele diz que se a esposa ou mesmo ele mudar de ideia quem sabe eles possam voltar a morar juntos: "-E o tempo tem sempre a última palavra. Quem sabe um dia as tuas ideias mudam? ou, quem sabe até, as minhas?" (p. 270). Desta maneira, o narrador deixa o final em aberto para que cada leitor possa dar continuidade à história. Assim fica por conta do leitor dar um fim ou não ao casamento de Rodolfo e Paloma. Pois o narrador deixa implícito que o fim daquele antigo casamento, pode dar início de um novo relacionamento entre o casal, um relacionamento sem as obrigações de marido e esposa da família patriarcal.

Segundo Vaitsman (1994), a ideologia dos compromissos não-obrigatórios apresenta-se como mais uma negação da instituição família, corrompendo os valores socialmente construídos sobre o casamento. A separação entre sexo e amor, por exemplo, dentro da união conjugal pode ser vista como uma das características dos compromissos não-obrigatórios. Conforme o autor, essa ideia foi introduzida pela ideologia higienista, tornando a sexualidade algo normatizado em favor da saúde. E que as relações amorosas extraconjugais são legitimadas pelos médicos. Porém, o objetivo destes profissionais é apenas a manutenção da saúde e não com as normas ou valores sociais existentes em relação ao matrimônio. A preocupação destes é somente com os problemas biológicos e consequentemente com os gastos com a pública. De acordo com Vaitsman (1994), as relações abertas tomam força com esse respaldo institucional. A instituição família sofre rupturas com essa nova maneira de encarar a própria sexualidade e a própria relação amorosa:

A não-associação intrínseca entre amor e sexo abre espaço para a busca de prazer e satisfação pessoais sem culpas. A sociedade baseada nos compromissos não-obrigatórios, e nas relações abertas, torna-se menos hipócrita, posto que relações sexuais fora do casamento e desvinculadas de amor sempre existiram (Apud RAMOS & NASCIMENTO).

Portanto, devido às novas exigências impostas pela sociedade moderna, muitos valores familiares são colocados em contradição. Como vimos no início deste trabalho, a família enquanto uma instituição social está sendo resignificada. Por isso, como afirma Vaitsman (1994), não há um modelo de família na modernidade, antes o que há são famílias, dentro de uma sociedade cada vez mais instável, que muda seu conceito de família, mas nem sempre, muda seu modo de pensar a família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família é a primeira instituição onde temos contato com as diferenças de valores, opiniões e respeito. Lygia Bojunga representa muito bem esses conceitos na construção das personagens do seu livro "Sapato de Salto". A história ao mesmo tempo em que leva o leitor a refletir sobre diversos assuntos, como constiuição famíliar, gravidez na adolescênica, prostiuição, sexualidade etc., também o ajuda o leitor a lidar com seus conflitos vivenciados na realidade. Nesse sentido, a história desse e de outros livros de Literatura instrui divertindo.

Lygia Bojunga representa muito bem esses conceitos na construção das personagens e de todas suas problemáticas vividas no seio familiar, levando o leitor a refletir sobre sua própria condição. Ao retratar todas essas mazelas, a escritora leva o leitor a vivenciar tais conflitos de tal maneira que o mesmo sente que seus problemas também parecem ter solução à medida que os das personagens são resolvidos no final da narrativa. Desse modo, o educando consegue ter uma visão do mundo que o cerca de forma mais ampla, à medida que ele experiência os conflitos vividos pelas personagens da história instituído no espaço intrafamiliar. Ou seja, à medida que o aluno vai se identificando com os protagonistas, suas Identidades vão sendo assim ressignificadas, a partir da interpretação da própria vida e do contexto onde ela se situa na sociedade. A autora cria, a partir da construção dos personagens, uma tensão entre os protagonistas da história muito similar ao que o leitor vive de fato na sua realidade. As histórias representam situações de conflito que são comumente vividas nas relações entre entes familiares. Além disso, a escritora sugere diferentes enfoques sobre um mesmo problema e leva o leitor a refletir sobre a necessidade de encarar com novos olhares a realidade das famílias contemporâneas. Em resumo, leva o leitor a se

identificar com tais personagens que vivem situações conflituosas similares às suas.

Dessa maneira, podemos perceber como é importante garantir o contato do educando desde a educação infantil não só com as obras da escritora Lygia Bojunga, mas com todas as obras literárias, apresentando diversos gêneros às crianças desde pequenas. Essa é uma das principais funções dos professores desde a pré-escola. A literatura é primordial não só para desenvolver os comportamentos dos leitores, mas também para despertar desde cedo o gosto pela literatura e pela leitura de modo geral. Estudiosos do assunto defendem a ideia de que a escola tem um papel fundamental para garantir que o educando tenha contato com livros desde a primeira infância. Segundo os especialistas, é nas salas de Educação Infantil que o professor deve apresentar a literatura e os mais diversos gêneros à turma. É importante ressaltar que muitos autores afirmam ainda que nessa fase o que importa é deixar que o leitor se leve pelas histórias sem nenhuma preocupação em querer ensinar Literatura. A única preocupação do educador deve ser a de ler para as crianças e comentar as histórias de modo que possa levá-los a começar a desenvolver sua capacidade de refletir sobre as diversas situações no processo de construção de suas identidades. Profissionais da área da educação afirmam que mesmo antes de aprender a ler, as crianças devem ser colocadas em contato com a Literatura. Ao ouvir uma história contada pelo adulto, a criança já começa a se interessar pelo mundo das palavras. Nesse mundo, ela pode tudo que quiser e mais ainda, ela pode reviver suas próprias experiências reais e refletir sobre elas juntamente com as personagens das histórias lidas e resolver seus conflitos juntamente com elas. Além disso, esse primeiro processo de leitura de textos literários na educação infantil pode ser o passo definitivo para que elas possam tornar-se leitoras assíduas durante todo o percurso não só do Ensino Fundamental que irá se estender até a sua vida acadêmica, mas por toda sua vida.

Como podemos perceber, é evidente a importância do papel da Literatura na formação dos pequenos, pois ela auxilia na formação do individuo não só no aspecto formal, mas também na formação do ser humano no seu sentido mais amplo. Portando, independente das mudanças dos valores sociais, das transformações e dos diferentes modelos e conceitos de família, permitir que a criança tenha, desde cedo, contato com textos literários é substancial. Assim, a partir do contato com a Literatura, naturalmente esse indivíduo vai formando e/ou reformulando em si e por si mesmo conceitos e significados do mundo real que aparecem representados no mundo da fantasia. Nesse sentido, a Literatura assume uma função de "moldar" seu caráter, sua cultura, seu eu, de forma equilibrada, tornando-o um ser capaz de perceber a realidade à sua volta e ao mesmo tempo refletir sobre ela. Dessa forma, a Literatura além de despertar o imaginário dos pequenos, possibilita-lhes vislumbrar expectativas possíveis de serem realizadas no futuro, pois paralelamente ao processo de aprendizado ocorre o processo de humanização do indivíduo, já que a literatura tem o poder de surtir efeitos positivos em todas as áreas da vida do leitor, implicando dessa maneira na carreira futura daqueles que se deixam levar pelo mundo da imaginação. Para isso, é necessário, então, que a família, as instituições de ensino juntamente com os educadores possibilitem o contato da criança com o mundo literário desde a primeira infância. O papel da escola, neste caso, seria não apenas o de valorizar e aplicar textos literários no processo de ensino da Educação Infantil, mas, sobretudo saber selecionar os livros, trabalhar adequadamente e cuidar para que tais textos não percam seu verdadeiro valor literário em função do trabalho pedagógico.

Lygia Bojunga representa muito bem esses conceitos na construção das personagens e de todas suas problemáticas vividas no seio familiar, levando o leitor a refletir sobre sua própria condição. Ao retratar todas essas mazelas, a escritora leva o leitor a vivenciar tais conflitos de tal maneira que o mesmo sente que seus problemas também parecem ter solução à medida que os das personagens são resolvidos no final da narrativa. Desse modo, o educando consegue ter uma visão do mundo que o cerca de forma mais ampla, à medida que ele experiência os conflitos vividos pelas personagens da história instituído no espaço intrafamiliar. Ou seja, à medida que o aluno vai se identificando com os protagonistas, suas Identidades vão sendo assim ressignificadas, a partir da interpretação da própria vida e do contexto onde ela se situa na sociedade. A autora cria, a partir da constituição dos personagens, uma tensão entre os protagonistas da história muito similar ao que o leitor vive de fato na sua realidade. As histórias representam situações de conflito que são comumente vividas nas relações entre entes familiares. Além disso, a escritora sugere diferentes enfoques sobre um mesmo problema e leva o leitor a refletir sobre a necessidade de encarar com novos olhares a realidade das famílias contemporâneas. Em resumo, leva o leitor a se identificar com tais personagens que vivem situações conflituosas similares às suas.

Dessa maneira, podemos perceber como é importante garantir o contato do educando desde a educação infantil não só com as obras da escritora Lygia Bojunga, mas com todas as obras literárias, apresentando diversos gêneros às crianças desde pequenas. Essa é uma das principais funções dos professores desde a pré-escola. A literatura é primordial não só para desenvolver os comportamentos dos leitores, mas também para despertar desde cedo o gosto pela literatura e pela leitura de modo geral. Estudiosos do assunto defendem a ideia de que a escola

tem um papel fundamental para garantir que o educando tenha contato com livros desde a primeira infância. Segundo os especialistas, é nas salas de Educação Infantil que o professor deve apresentar a literatura e os mais diversos gêneros à turma. É importante ressaltar que muitos autores afirmam ainda que nessa fase o que importa é deixar que o leitor se leve pelas histórias sem nenhuma preocupação em querer ensinar Literatura. A única preocupação do educador deve ser a de ler para as crianças e comentar as histórias de modo que possa levá-los a começar a desenvolver sua capacidade de refletir sobre as diversas situações no processo de construção de suas identidades. Profissionais da área da educação afirmam que mesmo antes de aprender a ler, as crianças devem ser colocadas em contato com a Literatura. Ao ouvir uma história contada pelo adulto, a criança já começa a se interessar pelo mundo das palavras. Nesse mundo, ela pode tudo que quiser e mais ainda, ela pode reviver suas próprias experiências reais e refletir sobre elas juntamente com as personagens das histórias lidas e resolver seus conflitos juntamente com elas. Além disso, esse primeiro processo de leitura de textos literários na educação infantil pode ser o passo definitivo para que elas possam tornar-se leitoras assíduas durante todo o percurso não só do Ensino Fundamental que irá se estender até a sua vida acadêmica, mas por toda sua vida.

Como podemos perceber, é evidente a importância do papel da Literatura na formação dos pequenos, pois ela auxilia na formação do individuo não só no aspecto formal, mas também na formação do ser humano no seu sentido mais amplo. Portando, independente das mudanças dos valores sociais, das transformações e dos diferentes modelos e conceitos de família, permitir que a criança tenha, desde cedo, contato com textos literários é substancial. Assim, a partir do contato com a Literatura, naturalmente esse indivíduo vai formando e/ou reformulando em si e por si mesmo conceitos e significados do mundo real que aparecem representados no mundo da fantasia. Nesse sentido, a Literatura assume uma função de "moldar" seu caráter, sua cultura, seu eu, de forma equilibrada, tornando-o um ser capaz de perceber a realidade à sua volta e ao mesmo tempo refletir sobre ela. Dessa forma, a Literatura além de despertar o imaginário dos pequenos, possibilita-lhes vislumbrar expectativas possíveis de serem realizadas no futuro, pois paralelamente ao processo de aprendizado ocorre o processo de humanização do indivíduo, já que a literatura tem o poder de surtir efeitos positivos em todas as áreas da vida do leitor, implicando dessa maneira na carreira futura daqueles que se deixam levar pelo mundo da imaginação. Para isso, é necessário, então, que a família, as instituições de ensino juntamente com os educadores possibilitem o contato da criança com o mundo literário desde a primeira infância. O papel da escola, neste caso, seria não apenas o de valorizar e aplicar textos literários no processo de ensino da Educação Infantil, mas, sobretudo saber selecionar os livros, trabalhar adequadamente e cuidar para que tais textos não percam seu verdadeiro valor literário em função do trabalho pedagógico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações.

Psicologia, Ciência e Profissão, Brasília, v. 2, p. 70-77, 2000.

CECCHIN, Cristiane. Imagens de criança: O imaginário de família na literatura de civilidade (As meninas exemplares, da Condessa de Ségur) UDESC /SC2.

COELHO, Nelly Novaes. Dicionário critico da literatura infantil e juvenil brasileira. São Paulo: EDUSP, 1995. >

. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

. O conto de fadas. São Paulo: Ática, 1987.

. Panorama histórico da literatura infantil-juvenil: das origens Indoeuropeias ao Brasil Contemporâneo. São Paulo: Ática, 1991.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

DIAS, Maria Luiza. Vivendo em família: relações de afeto e conflito. São Paulo: moderna, 1992.

GOMES, Isabel Cristina; PAIVA, Maria Lúcia de Souza. Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding? Disponível em: < http://bases.bireme.br/cgi- bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p &nextAction=lnk&exprSearch=359551&indexSearch=ID>. Acessado em 5 de novembro de 2003.

GIROTTO, Cyntia; SOUZA, Renata. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreenderem o que leem. In: SOUZA, Renata (org.) Ler e compreender: estratégias de leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

LASCH, Christopher. Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

LESSA, Vander Lúcia S. O lúdico e o maravilhoso em "O sofá estampado" de Lygia Bojunga Nunes. 2010.96. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 10 de nov. de 2010. Disponível em: http://www.livrosgratis.com.br/livros_de_vander_lucia_silva_lessa_para_download/1. NUNES, Lygia Bojunga. Sapato de Salto. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). Escola e leitura: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.